

Novos mundos para o mundo: perspectivas multiculturais na literatura infantil e juvenil

Ângela Balça*

Resumo

Sendo Portugal um país com uma longa história de relação com outras gentes e outras culturas, pretendemos dar conta de textos que nos mostrem, não só a forma como Portugal se relaciona com estes povos, mas também o modo como o Outro olha para nós. Como é que outros povos nos perspetivam? Que imagem têm de nós e transmitem às gerações mais novas? Como interpretam os mesmos eventos e os mesmos factos? De que ponto de vista se colocam? Para tentarmos responder a estas questões, iremos socorrer-nos de textos de potencial receção infantil e juvenil, vindos a lume no Brasil, mas que se centram num episódio histórico comum aos dois países – a chegada e a estadia da família real portuguesa ao Brasil. Dar a conhecer estes textos é o primeiro objetivo deste ensaio; compreender como o Outro olha para nós e nos perspetiva, levando-nos a questionar o nosso etnocentrismo configura-se como um outro objetivo. Na escrita deste ensaio, seguimos uma metodologia comparativa, comparando os dois textos, bem como efetuámos uma análise sobre os paratextos, a intriga e as personagens das obras. Como resultados mais relevantes, ressaltamos a necessidade de os mediadores de leitura contribuírem para a redescoberta não só deste período histórico mas também da figura do monarca D. João VI.

Palavras-chave: Literatura Infanto-Juvenil. Leitura. Contexto Cultural.

* Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, Portugal. Professora do Departamento de Pedagogia e membro do Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora – Portugal.

Introdução

Na sociedade atual, marcada pela globalização, muitos são os povos e as suas respetivas culturas, crenças, vivências que viajam pelo planeta fora. Emigração e imigração, Norte e Sul, Oriente e Ocidente fazem parte de um mundo complexo, onde os homens e as mulheres procuram trabalho, melhores condições de vida, mas também mais conhecimentos ou pura e simplesmente o lazer. As relações que se estabelecem entre estes diversos indivíduos nem sempre são pacíficas ou solidárias. Maiorias e minorias convivem muitas vezes, não sem algumas desconfianças em relação à cor da pele mas igualmente a hábitos, costumes, indumentárias, atitudes, valores. Neste sentido, é essencial desenvolver políticas que promovam a multiculturalidade nas sociedades atuais e que possibilitem este diálogo entre diferentes povos, culturas, perspetivas. A atuação do poder político e da sociedade civil tem necessariamente de estender-se aos mais jovens, com ações concertadas na escola, mas também nos clubes desportivos, artísticos, de modo a sensibilizá-los para o Outro e a tentar entender como o Outro os vê, os encara e os entende.

Nesta tarefa, acreditamos que os livros para os mais novos e a literatura infantil e juvenil, em particular, considerando muito embora as suas funções estéticas e lúdicas, têm um papel a desempenhar. Pensamos que a literatura infantil e juvenil nunca é neutra. Como afirmam Morgado e Pires (2010, p. 14), a literatura infantil “ocupa um espaço político e social, representa e configura relações sociais e culturais de poder e não pode ser separada quer da política quer da história”. A literatura infantil e juvenil é assim produzida num determinado contexto, marcado ideologicamente, mas também temporalmente, isto é, ela é fruto de uma determinada época e dos diversos acontecimentos que nela ocorreram.

Muitos são os textos de potencial receção infantil e juvenil, literários ou de divulgação, que se debruçam sobre as questões da multiculturalidade. Sendo Portugal um país com uma longa história de relação com outros povos, a esmagadora maioria dos textos literários para os mais jovens iluminam essas culturas sob o olhar centrado no país e muitas vezes no contexto europeu. Desse olhar decorre a visibilidade ou a invisibilidade de determinados povos e culturas, consoante a perspetiva adotada.

Assim, neste texto, procuramos não olhar para o Outro, mas tentarmos descortinar como o Outro olha para nós, mudando a perspetiva normalmente

adotada por autores, ilustradores, investigadores. Como é que outros povos nos perspetivam? Que imagem têm de nós e transmitem às gerações mais novas? Como interpretam os mesmos eventos e os mesmos factos? De que ponto de vista se colocam?

Nesta linha, optamos por escolher um acontecimento e duas publicações de potencial receção infantil e juvenil, vindas a lume no Brasil, para compreendermos como elas podem fomentar, também entre outras, a promoção de uma literacia multicultural. Brasil e Portugal mantêm desde sempre, mas com uma ênfase enorme nos últimos anos, relações muito próximas. Unem-nos, em primeiro lugar, a mesma língua e uma história em comum; em segundo lugar, relações comerciais intensas, mas também um vai-vem de indivíduos em trocas ativas de carácter social, cultural ou mesmo de descoberta dos respetivos países. No dizer de Lourenço (2008), a questão que se coloca ao mundo que fala português é a de “*um diálogo cultural efectivo*” entre todos os habitantes, uma vez que “O nós da nossa língua é hoje e há muito plural, mas é mais claramente multicultural” (LOURENÇO, 2008, p. 47, grifo do autor).

Assim, estas duas publicações debruçam-se sobre o acontecimento que foi a chegada da família real portuguesa ao Brasil, no ano de 1808, e as respetivas comemorações deste episódio, no ano de 2008. Neste âmbito, foram editados, no Brasil, dois livros para um público mais jovem – de Lúcia Fidalgo (2008), *Foi quando a Família Real chegou...*, e de Laurentino Gomes (2008), *1808*. É nesse contexto, celebrado amplamente em Portugal e no Brasil, com diversas edições de livros, exposições e outros eventos culturais, que podemos fazer uma leitura das obras em apreço. Não será difícil prever que os objetivos da edição destas obras, cuja última foi também publicada em Portugal, são comemorar e assinalar o episódio histórico referido, mas, igualmente, nas palavras de Laurentino Gomes “contribuir para que esse acontecimento, tão importante na história de ambos os países, se torne cada vez mais conhecido pelos leitores brasileiros e portugueses.” (GOMES, 2008, p. 10). A formação da consciência histórica das gerações mais novas é também feita com obras de divulgação que lhes são destinadas. Do mesmo modo, essas obras possibilitam a construção de imagens sobre os povos nelas apresentados, facilitando um maior conhecimento e um maior entendimento do Outro. Esse é também o papel dos livros de potencial receção infantil e juvenil, uma vez que “De um modo genérico, todos os livros podem ser lidos como representações de um mundo multicultural” (MORGADO; PIRES, 2010, p. 19).

Foi quando a Família Real chegou...

A narrativa *Foi quando a Família Real chegou...*, da autoria de Lúcia Fidalgo, com ilustrações de Andréia Resende, veio a lume em 2008, sob a chancela da Editora Paulus. Lúcia Fidalgo é uma escritora, premiada com o Prémio Autora Revelação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 1997, com o livro *Menino Bom*, ilustrado por Robson Araújo e editado pela Editora Dimensão. Andréia Resende é uma conhecida *designer* gráfica e ilustradora de livros de literatura para crianças, que tem dado à estampa várias obras, como por exemplo *Pedro, Menino Navegador* (2000) ou *Duas Amigas* (2005).

A obra em estudo é rica em paratextos – ilustrações, informações reveladas nas guardas e na contracapa,¹ dedicatória, apêndice informativo no final da narrativa. Não esquecemos da importância dos paratextos para a motivação e para o espicaçar da curiosidade da criança, não só para a leitura da história, mas também para o próprio entendimento da narrativa. Obra não ingénua e ideologicamente marcada, como todos os textos, as marcas ideológicas desta narrativa mantêm uma relação profunda com a chegada e a estadia da família real portuguesa no Brasil. E deste acontecimento nos dá conta logo um primeiro paratexto – a capa do livro, cujo título, *Foi quando a Família Real chegou...*, aliado a uma curiosa ilustração, que nos remete para o cais de uma cidade antiga, colocando um foco sobre edifícios senhoriais e religiosos, promete ao leitor esta hipótese interpretativa. Hipótese esta confirmada na contracapa, onde a autora descreve a situação histórica portuguesa e europeia, do início do século XIX, certamente com a intenção de contextualizar o episódio-chave da obra. E é na contracapa que fica lançado o convite, ao pequeno leitor, para iniciar a viagem da leitura “Que tal voltarmos ao Brasil, no ano de 1808, e ver desembarcar no porto da cidade do Rio de Janeiro a Família Real portuguesa?” (FIDALGO, 2008). A incitação é complementada com a informação aos leitores mais novos de que os locais a visitar estarão assinalados no texto com “letra diferente”, ou seja com maiúsculas, que “no final do livro” poderão ser encontrados (num texto informativo intitulado “Você sabia?”) e que “quem sabe, terá vontade de visitá-los...” (FIDALGO, 2008). Muito comuns, na literatura de potencial receção infantil, estas estratégias configuram ainda o entendimento desta matriz literária como formativa. As ilustrações, aguarelas muito sugestivas, levam ao convívio do jovem leitor a localização de Portugal e do Brasil e toda a ambiência da época em Terras de Vera Cruz.

Como afirmámos anteriormente, é nosso propósito percebermos de que modo o Outro olha para nós, colocando-nos de uma perspectiva nem sempre habitual. Se muitos textos literários de potencial receção infantil, publicados em Portugal, convidam as crianças leitoras a olhar o Outro, raros serão aqueles que nos apresentam diretamente e nos quais passamos de observadores a observados. Naturalmente, são textos escritos e publicados em distintos lugares, que nos mostram o olhar de outras realidades sobre nós próprios.

No texto em apreço, é contada, em breves pinceladas, a chegada e a estadia da Família Real portuguesa, no Brasil. Esta viagem no espaço e no tempo é seguida de perto por uma outra viagem, física e interior, de um menino (“O menino crescia junto com a cidade [...]”), metáfora de um território que, neste espaço temporal, cresce, desenvolve-se e acabará por se tornar adulto, com a independência em 1822. A chegada da Família Real é então o mote para um olhar sobre Portugal e o Brasil, sobre os dois povos. E o estranhamento acontece, para o menino brasileiro, assim que se dá o desembarque, sentido na adjetivação que marca o Outro – “roupas estranhas”, homens e mulheres “tão diferentes”. Esta chegada, vista do lado de Portugal, como a chegada a uma colónia, a um território que pertencia ao Império, é sentida pelo narrador de forma diversa. Para ele, trata-se de uma invasão do Brasil, – “Vieram para fugir do país invadido – diziam alguns homens. Saíram da sua terra invadida para invadir a terra do menino [...]” (FIDALGO, 2008), que, a breve trecho, se irá “transformando do jeito que eles precisavam, mas não conforme os seus desejos” (FIDALGO, 2008). Desde logo, o menino é apresentado como diferente, assinalando as marcas da multiracialidade, que marca o povo brasileiro – “trazia no corpo a marca da mistura das raças, branco... índio... negro... menino do Brasil”. (FIDALGO, 2008).

O olhar do narrador apresenta-nos também, desde o início, a condição do Brasil – “colónia de Portugal, porém, bem maior que a metrópole” (FIDALGO, 2008). Sentindo a situação de colónia como uma posição desfavorável, o narrador afirma o lado positivo da questão – embora colónia, na verdade o Brasil era infinitamente maior do que a metrópole.

Realmente, após o primeiro impacto do desembarque, surge-nos, tendo como metáfora a cidade, os usos e costumes, o confronto entre dois mundos tão diversos; mas o olhar do Outro sobre os portugueses é, de novo, um olhar crítico, que sente as modificações operadas bem mais de acordo com o que os novos habitantes pretendiam e não tanto com o que almejavam os brasileiros

– “A cidade precisava crescer rapidamente para receber tanta gente. Onde havia barro, calçaram a rua. Onde havia casas pequenas, surgiram grandes sobrados. As roupas simples de linho davam lugar a bordados bem trabalhados em seda pura” (FIDALGO, 2008).

Será este o tom que vai perpassar toda a narrativa, que acaba por encerrar de uma forma multiperspetivada. Para os portugueses, a estada no Brasil representou uma mais valia – os que voltaram foram mais “sorridentes”, mais queimados “pelo sol dos trópicos”, “diferentes”, tendo mudado a “sua cultura e sentimentos”; para os brasileiros, não é evidente que o contacto com os portugueses tenha representado uma mais-valia. D. Pedro I é aqui apresentado como príncipe de Portugal e não como Imperador do Brasil; Pedro I funciona como uma metáfora de Portugal, cuja “missão a cumprir” era “governar um país tentando conter as pressões por liberdade, que era o anseio do povo brasileiro.” (FIDALGO, 2008).

Consideramos muito interessante este olhar, transmitido na obra, sobre a figura de D. Pedro I, para Portugal o rei D. Pedro IV. Se D. João VI, seu pai e soberano reinante, é apenas mencionado e associado às mudanças surgidas na época em território brasileiro, D. Pedro I surge mesmo no final da obra e com uma missão nada abonatória. Pensamos que esta perspetiva do narrador acaba por marcar aquele que foi o 1.º Imperador do Brasil e o homem que proclamou a independência deste país. Certamente fica aqui lançado um desafio interessante a todos os mediadores de leitura, especialmente aos brasileiros.

1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil

Se a obra, partilhada antes, tem como potenciais leitores crianças mais pequenas, o mesmo evento inspirou igualmente uma obra para leitores adolescentes. Da autoria de Laurentino Gomes, com aguarelas de Rita Bromberg Brugger, sob a chancela da Editora Planeta Jovem, em 2008 foi lançado, numa “Edição Juvenil Ilustrada”, o título *1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. Título lançado no ano anterior para adultos, com ele Laurentino Gomes, um destacado jornalista brasileiro, foi galardoado, no ano de 2008, com dois importantíssimos prémios – o Prémio de Melhor Livro de

Ensaio da Academia Brasileira de Letras e o Prémio Jabuti de Literatura, nas categorias Livro-Reportagem e Livro do Ano de Não Ficção.

A edição ilustrada para jovens da obra *1808* (GOMES, 2008) é fértil em paratextos, que nos deixam antever desde logo o tom do texto aqui apresentado – divertido, irónico, jocoso até em certos pormenores, sem deixar de ser fiel à sua função de relatar episódios históricos com seriedade. Dos muitos e ricos paratextos que esta obra encerra, vamos debruçar-nos sobre o título e subtítulo, os textos da contracapa e das guardas, os títulos dos capítulos e a Introdução.

Centremo-nos, em primeiro lugar, no longo subtítulo da obra, *Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*, que nos deixa uma hipótese interpretativa sobre os possíveis protagonistas deste relato, adiantando já, para os jovens leitores, alguns sinais que talvez os caracterizam. Os sinais apresentados são reveladores de eventuais características pouco abonatórias, neste caso para a família real e corte portuguesas – a rainha é apresentada como “louca”; o príncipe tem o epíteto de “medroso”; e a personagem coletiva corte é qualificada como “corrupta”. E este subtítulo, parece-nos, avança desde já o tom de todo o livro – se por um lado temos personagens disfóricas, por outro essas mesmas personagens conseguem feitos eufóricos, não imagináveis tendo em conta o seu carácter. Assim, uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta conseguiram enganar o homem mais poderoso da sua época – Napoleão – e mudar a história de dois países atuais – Portugal e Brasil. Igualmente, numa das guardas do livro se dá destaque aos feitos eufóricos destas personagens disfóricas – a fuga e o período em que a corte portuguesa esteve no Brasil faz hoje avançar a hipótese de que, se tal não tivesse acontecido, “o nosso território poderia, por exemplo, ter se fragmentado, e, em vez de um vasto Brasil, existiriam hoje vários países menores, como aconteceu com os nossos vizinhos da América espanhola.” (GOMES, 2008, guardas).

O texto da contracapa dá nome então às personagens, já antevistas no subtítulo e de certo modo adivinhadas pela data-título da obra, que nos remete para um ano muito concreto na história de Portugal e do Brasil. Deste modo, numa estratégia que nos parece muito aliciante para os leitores mais jovens, surgem-nos as personagens D. Maria I, o príncipe regente D. João e a corte em fuga para o Brasil, questionando-se esses mesmos leitores “E o que esse fato tem a ver com a vida que leva hoje um cidadão, brasileiro ou português, como você?” (GOMES, 2008, contracapa). O absurdo e o insólito da situação à época

são transmitidos, para os jovens leitores, através de uma comparação entre o que seria hoje um brasileiro acordar com a cúpula dirigente do país em fuga para a Austrália e o exército argentino a caminho de Brasília, e um português, do início do século XIX, acordar com toda a corte a caminho do Brasil e os exércitos napoleónicos às portas de Lisboa.

Os extensos títulos dos capítulos da obra também dão algumas pistas sobre o tom adotado e permitem aos jovens leitores levantarem algumas hipóteses interpretativas. Estando a obra dividida em cinco capítulos, vamos-nos centrar nos seus títulos de forma global, como um todo. De novo, através destes títulos conseguimos descortinar a personagem D. João e alguns dos traços com que, eventualmente, nos será apresentado no corpo do texto. Este paratexto mostramos uma imagem do Príncipe Regente nada abonadora – homem medroso “D. João, um rei que tinha medo de trovões e caranguejos [...]” (GOMES, 2008, p. 76), com pouco sentido de Estado “Ameaçado por Napoleão, D. João abandona Portugal e foge para o Brasil” (GOMES, 2008, p. 16), indiferente à governação do país e do povo “Antes de embarcar, raspa os cofres do governo. O povo, traído, chora no cais” (GOMES, 2008, p. 16), aparentemente ele e a corte mantêm a sua postura do outro lado do mundo “A corte de D. João se diverte nos trópicos. Portugal, abandonado, se revolta” (GOMES, 2008, p. 7). Os títulos dos capítulos antecipam já as informações que são deixadas para os jovens leitores na Introdução à obra. O final do título do último capítulo aponta-nos para “É hora de retornar. A corte vai embora, mas deixa para trás um novo Brasil.” (GOMES, 2008, p. 7). Já a Introdução começa “O Brasil foi descoberto em 1500, mas, de verdade, só foi inventado como país em 1808.” (GOMES, 2008, p. 9), enunciando, posteriormente, alterações surgidas no período em que a corte portuguesa esteve em terras brasileiras. Da breve análise destes paratextos, podemos avançar uma hipótese interpretativa em relação ao âmbito da obra em presença – D. João VI, personagem disfórica, será a peça-chave para a construção e a afirmação do Brasil, tal como ele é hoje.

Centremo-nos agora no texto e nas suas personagens – D. João VI, a rainha D. Maria I, D. Carlota Joaquina e a corte. Consideramos que, nesta obra, são as personagens e as suas atitudes que auxiliam os leitores a perceberem qual é o olhar do narrador lançado sobre o Outro, neste caso em particular sobre a família real e sobre os portugueses.

Ao longo da obra, a personagem do Príncipe Regente será construída de forma antinómica. Se por um lado, D. João é apresentado como um homem

medroso, hesitante, fraco, por outro surge como decidido e com um forte sentido de Estado. Podemos também perceber a existência do homem e do rei; e, como rei, da sua atuação na metrópole e na colônia.

Figura com uma personalidade complexa, não esqueçamos que D. João VI assume a regência do reino, por demência da rainha D. Maria I, a partir de 1792; não esqueçamos também que D. João VI não era o herdeiro do trono, assumindo esta condição apenas devido à morte do príncipe herdeiro D. José.

Assim, num tom que toca a caricatura, D. João surge como um homem cheio de manias – para além do “medo de siris, caranguejos e de trovoadas”, era muito religioso, muito metódico, mas “desleixado com a higiene pessoal e avesso ao banho” (GOMES, 2008, p. 92-93). Se o texto refere que D. João vestia sempre a mesma roupa, diariamente, as ilustrações corroboram essa fama. Ao longo da obra, o príncipe regente é ilustrado sempre com a mesma indumentária – casaca azul, calção branco, sapato de fivela, cabeleira branca. São também as ilustrações que iluminam o homem “gordo, muito parado e bonachão”, “preguiçoso”, com um ar indolente, enterrado no trono. Estas características físicas e psicológicas de D. João, convenhamos que nada favorecedoras, são ainda evidenciadas na sua posição de rei, sobretudo antes da partida para o Brasil.

Logo no início da obra, o príncipe regente é apresentando aos leitores como indeciso “As providências mais elementares o atormentavam e angustiavam para além dos limites – D. João sempre hesitava, e hesitava... até o último momento” (GOMES, 2008, p. 23). Porém, parece-nos que perante um dos factos mais graves da sua vida e da vida de Portugal, o percurso de D. João, enquanto monarca, começa a afastar-se da sua imagem enquanto homem. E, deste modo, as hesitações de D. João dão lugar a negociações, a *bluff*, a um “jogo de faz-de-conta”, com as duas maiores potências da época – a França e a Inglaterra. Este jogo acabará por não originar nenhuma saída e terminará com a partida da família real portuguesa para o Brasil, não sem antes o indeciso príncipe regente decidir “raspar os cofres do governo”. Se o narrador nos apresenta D. João e a fuga para o Brasil como um ato de cobardia, “Os fatos mostrariam mais tarde que as chances de sucesso de D. João, caso tivesse tomado essa decisão, teriam sido grandes. Mas o inseguro e medroso regente jamais se atreveria a enfrentar um inimigo que julgava tão poderoso, e preferiu fugir”. (GOMES, 2008, p. 24), não podemos deixar de ver na tática ensaiada muita astúcia e diplomacia, à luz da época. Aliás, o próprio subtítulo da obra nos remete para outro tipo de estratégia adotado, com as duas potências europeias, que não o confronto direto,

e que terá tido resultados positivos, ao enunciar que “um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão”. O plano era justamente impedir que Napoleão destronasse mais um rei na Europa; com o rei e a corte do outro lado do mundo, Portugal continuaria a ser um reino independente (um constante desígnio nacional), sediado do outro lado do Atlântico, e não submetido às ordens do imperador francês. Notamos, pois, nas entrelinhas um “[...] relativo crescendo no que se refere à alusão a um D. João não totalmente destituído de competências no plano estratégico” (BALÇA; MAGALHÃES; COSTA, 2010, p. 193). E, já no decorrer da viagem para o Brasil, a personagem de D. João VI, enquanto rei, começa a ser construída, paulatinamente, de modo crescendo.

Recordemos algumas etapas que consolidam gradativamente a imagem do príncipe regente. A meio da viagem, D. João toma a decisão de aportar em S. Salvador da Baía, e não no Rio de Janeiro, o que “[...] muda sensivelmente as interpretações feitas até hoje sobre a vinda da corte para o Brasil, a começar pela imagem do próprio príncipe regente” (GOMES, 2008, p. 56). É o próprio narrador que considera esta alteração de planos de D. João como estratégica, importante e inteligente. Assim, o governo e a imagem do príncipe regente / rei, nos anos da sua estadia do Brasil, ficaram marcados pela “[...] imagem do rei benigno, que tudo provê, que cuida de todos e a todos protege” (GOMES, 2008, p. 74), mas também pelas inúmeras medidas que tomou, no sentido de desenvolver o território – abertura dos portos brasileiros ao exterior; criação do banco do Brasil; a criação da primeira escola de medicina e da primeira companhia de seguros; o incentivo à construção de fábricas; o apoio a diversas atividades produtivas; o plano de fortificação da Baía. Surpreende também a coragem e a decisão de D. João VI, quando resolve voltar a Portugal, não sem antes, mais uma vez, delapidar o erário do banco do Brasil. Pensamos pois que “De regente indeciso, impreparado para governar, passível de mordaz caricatura a ‘inventor’ do novo Brasil: é este o percurso sinuoso desta personagem aos olhos do narrador” (BALÇA; COSTA; MAGALHÃES, 2010, p. 217).

Ora este percurso tortuoso de D. João VI é muito potenciado pelo caminho das outras personagens, que lhe são próximas, e que exacerbam os traços caricaturais com que é caracterizado. Se D. Maria I, a rainha, é apresentada quer no texto quer nas ilustrações como louca e beata, já a princesa Carlota Joaquina era “uma espanhola geniosa e mandona”. O narrador caracteriza a princesa como uma mulher irascível, vingativa, mas inteligente e com uma ambição desmesurada pelo poder. Terá sido essa ambição pelo poder que a levou

a perpetrar inúmeros golpes de estado e a protagonizar outros tantos incidentes diplomáticos, nomeadamente com diplomatas dos EUA ou de Inglaterra. A princesa, que detestava o Brasil, “ao embarcar de volta para Portugal, em 1821, tirou as sandálias e bateu contra um dos canhões da amurada do navio. ‘Tirei o último grão de poeira do Brasil dos meus pés’, teria dito. ‘Afim, vou para terra de gente!’” (GOMES, 2008, p. 97), era uma europeia nascida e criada durante o Antigo Regime, e portanto com horror aos ventos de mudança que reinavam por toda a Europa e pelo próprio Brasil. Carlota Joaquina ostenta, pois, uma posição eurocêntrica, que pode ser reveladora, para os leitores mais jovens atuais, das diferenças entre os dois mundos que se confrontaram, pela primeira vez, na época.

A corte, enquanto personagem coletiva, é caracterizada muito depreciativamente pelo narrador. Começamos logo pelo subtítulo desta obra, onde a corte é apresentada como corrupta. Se a imagem de D. João VI evolui gradativamente, enquanto monarca, a sua corte é, ao longo de todo o texto, violentamente atacada e satirizada. Habituada a viver à sombra do rei e do Estado,

Era preciso alimentar e pagar as despesas de uma corte que não trabalhava nem produzia coisa alguma, que vivia de subornos e propinas, que era acostumada ao luxo pelo qual não pagava do seu bolso, e que gastava muito acima do que tinha e podia, sempre na certeza de o Rei lhe daria mais e mais. (GOMES, 2008, p. 81).

Os que vieram d’além mar com o rei são caracterizados como um bando de desocupados, gananciosos, mais interessados em manter os seus privilégios do que em servir a causa pública. Aqui o confronto entre a Europa e o Novo Mundo é evidente – “A chegada da corte ao Rio de Janeiro foi o encontro de dois mundos, até então estranhos e distantes” (GOMES, 2008, p. 70), tornando-se a perspectiva do narrador muito crítica em relação aos portugueses. Entre estes dois mundos e estes dois povos, tudo era diferente. No Rio de Janeiro, dois terços da população era constituída por negros e pelos seus descendentes; a maneira de vestir dos europeus e dos brasileiros distinguia-se, também devido às diferenças climáticas; a comida era igualmente diversa, sobretudo no que diz respeito às espécies de frutos tropicais. Mas neste Novo Mundo, a corte portuguesa chega, mantém as suas exigências e abusa: “A arrogância e a prepotência dos

que chegavam de além-mar resultaram em vários casos de abuso no sistema de aposentadorias” (GOMES, 2008, p. 81). Os aumentos de impostos, taxas, as listas de subscrição voluntária, os empréstimos, a emissão de moeda pelo então recém-fundado banco do Brasil são as estratégias usadas pelo rei para sustentar a sua corte, improdutiva e perdulária, imagem que permanece, muito desfavorável, sobre a atuação dos portugueses durante a sua estadia no Brasil.

Para além destas personagens, que consideramos fundamentais, no texto de Laurentino Gomes perpassa toda a vivência do Brasil, e da cidade do Rio de Janeiro em particular, do início do século XIX, desde a população escrava até aos mais altos funcionários do Estado. Episódios históricos, como a estadia da Missão Artística Francesa, episódios quotidianos, como a vida das famílias na época, ou episódios caricatos e pitorescos, como os passeios de D. João VI atravessam este texto riquíssimo, dando, aos jovens leitores, uma perspetiva múltipla da época.

Considerações finais

As comemorações dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil foi o mote para a publicação de duas obras de potencial receção infantil e juvenil, que se debruçaram sobre este acontecimento marcante na história dos dois países. Estas duas obras são muito interessantes pelos mais diversos motivos, mas para nós, enquanto portuguesa, elas são reveladoras do que o Outro pensa sobre nós. Este era o nosso desafio de partida – Como é que outros povos nos perspetivam? Que imagem tem de nós e transmitem às gerações mais novas? Como interpretam os mesmos eventos e os mesmos factos? De que ponto de vista se colocam?

Consideramos que o interesse do Brasil por este acontecimento histórico permitiu iluminar, neste caso para os mais jovens, um período controverso na história do país. Mas estas duas obras possibilitam também um contacto mais estreito entre os jovens brasileiros e um episódio da história de Portugal; permitem ainda um encontro com um outro povo, outras mentalidades; e facilitam, igualmente, aos jovens portugueses, um encontro com outras perspetivas e outros pontos de vista sobre o seu país, a sua história e sobre si próprios.

Voltemos, então, para fechar, às obras em estudo. A obra assinada por Lúcia Fidalgo, com um potencial público leitor mais infantil, perspetiva os portugueses de uma forma negativa. A chegada da família real e da corte portuguesa é sentida como uma invasão do território brasileiro; a evolução e

transformação da cidade do Rio de Janeiro são apresentadas como obedecendo às necessidades dos portugueses e não dos brasileiros; as benfeitorias promovidas, como a criação do Hospital da Misericórdia, do Banco de Brasil, do Teatro São João ou a instalação da Real Biblioteca são encaradas como pagas com o dinheiro dos brasileiros, mas não acessíveis a eles; o Imperador D. Pedro I é considerado apenas um príncipe de Portugal (que também o era), e não o 1.º monarca soberano de um novo país – o Brasil. Esta é a imagem de Portugal e do seu povo, transmitida aos leitores mais novos, brasileiros e portugueses. Apesar desta perspectiva pouco abonatória, fica na contracapa da obra o convite aos jovens leitores para a visita a “alguns lugares” onde “veremos a presença deles forte como naquele tempo.” (FIDALGO, 2008). Desafio muito apelativo, deixado também aos mediadores de leitura, a quem caberá uma leitura crítica e multicultural da obra em apreço.

A obra da autoria de Laurentino Gomes, com um potencial público leitor mais juvenil, é mais subtil na apresentação dos portugueses. Voltemos ao monarca e ao final da obra. Pensamos que esta narrativa deixa para os jovens brasileiros e portugueses uma nova imagem da personagem D. João VI. Apesar de todos os seus defeitos pessoais e das debilidades enquanto estadista, D. João VI surge como o construtor do Brasil atual. É a sua presença e a sua ação durante o tempo que esteve em Terras de Vera Cruz, de acordo com o narrador, que permitiu a este país ter as dimensões continentais atuais, ser o maior herdeiro da língua portuguesa e ser, de verdade, um país, acrescentando nós, uma nação. Curiosamente, este é também o entendimento de Lourenço (2008, p. 47), para quem a América portuguesa foi unida pela “modesta língua que dela fez um dos espaços linguísticos mais extraordinários e, sobretudo, mais unificados por dentro, que se conhecem.”. Assim, muito embora os portugueses, representados pela corte, tenham uma imagem muito desfavorável, a imagem do monarca segue uma linha gradativa e uma evolução auspiciosa. Consideramos que temos aqui mais um desafio muito promissor para o mediador de leitura, uma vez que pensamos haver uma redescoberta, para Portugal e para o Brasil, não só deste período histórico, mas sobretudo da figura do rei D. João VI.

Não queremos terminar sem assinalar a importância, para os leitores mais novos portugueses, da publicação em Portugal da obra de Laurentino Gomes. De um modo geral, a escola e os livros para os mais novos centram-se no território português, durante o período entre 1807 e 1821. A ação da corte portuguesa, durante a sua estadia no Brasil, é praticamente ignorada.

Pensamos ser este também o papel dos livros para os mais novos e da própria literatura infantil e juvenil – apresentar, dar voz ao Outro e contribuir para o seu maior conhecimento. Este Outro, que neste contexto se manifesta numa língua comum, “num mundo não apenas em transe de uniformização linguística em termos pragmáticos, mas em transe de *definições identitárias* que passam pelas línguas e pelas culturas que nelas se exprimem” (LOURENÇO, 2008, p. 47). Ou seja, nas obras que partilhámos ao longo deste texto, língua, história e cultura comuns, mas também história e cultura diferentes, num ponto de vista multiperspetivado, onde o Outro se torna presente.

Notas

- 1 No português do Brasil, a palavra contracapa, usada no português Europeu, foi substituída por quarta capa.

REFERÊNCIAS

- BALÇA, Ângela; MAGALHÃES, Olga; COSTA, Paulo. Visto de lá: a corte portuguesa no Brasil contada aos mais novos. *Educare/Educere*. Castelo Branco, PT, p. 183-195, 2010.
- BALÇA, Ângela; COSTA, Paulo; MAGALHÃES, Olga. 1808: um exílio voluntário, um novo país. In: JORNADAS ANDINAS DE LITERATURA LATINO-AMERICANA, 9. 2010, Rio de Janeiro. *Anais do Jalla Brasil 2010*. Rio de Janeiro, RJ: UFF, 2010. p. 214-217. 1 CD-ROM.
- FIDALGO, Lúcia. *Foi quando a Família Real chegou...* São Paulo: Paulus, 2008.
- GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- LOURENÇO, Eduardo. Da língua como pátria. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE O ENSINO DO PORTUGUÊS, 2007, Lisboa. *Actas: Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação, 2008. p. 45-50.
- MORGADO, Margarida; PIRES, Maria da Natividade. *Educação Intercultural e Literatura Infantil*. Lisboa: Colibri, 2010.

Nouveaux mondes pour le monde: perspectives multiculturelles dans la littérature pour les enfants et les jeunes

Résumé

Le Portugal est pris en tant que pays ayant une longue histoire de relations avec d'autres peuples et d'autres cultures. Ainsi, nous avons l'intention de rendre compte des textes qui nous montrent non seulement comment le Portugal est lié à ces peuples, mais aussi la façon dont l'Autre nous regarde. Comment sommes nous perçus par les autres peuples? Quelle image forment-ils de nous, en la transmettant aux jeunes générations? Comment interprètent-ils les mêmes événements et les mêmes faits? Quel point de vue adoptent ils? Pour essayer de répondre à ces questions, nous prendrons des textes potentiellement reçus par des enfants et des jeunes, publiés au Brésil, centrés sur un épisode historique commun aux deux pays – l'arrivée et le séjour de la famille royale portugaise au Brésil. Faire connaître ces textes est le premier objectif de cet essai; comprendre comment l'Autre nous regarde et la perspective qu'il adopte, ce qui conduit à l'interrogation à propos de notre ethnocentrisme, apparaît comme un autre objectif. Le processus d'écriture de cet essai suit une méthodologie comparative, comparant les deux textes, aussi bien qu'effectuant une analyse des paratextes, de l'intrigue et des

New Worlds for the World: multicultural perspectives on literature for children and youth

Abstract

Given that Portugal is a country with a long history of relationships with other peoples and cultures, we intend to give an account of texts that show us not only how Portugal relates with these peoples, but how the "Other" looks at us. How do other people see us? What image do they have of us and how do they convey it to new generations? How do they interpret the same events and the same facts and from what point of view? To try to answer these questions, we consider texts published in Brazil that are potentially received by children and young people that focus on a historical episode common to both countries – the arrival and stay of the Portuguese royal family in Brazil. The first aim of this essay is to present these texts; understand how the Other looks at us, leading us to question our ethnocentrism, which appears as another goal. The essay uses a comparative methodology, comparing the two texts, and analyzes the paratexts, the action and characters. The most important results indicate the need for reading mediators to contribute to the rediscovery not only of this historical period but also of the figure of the monarch Dom João VI.

Keywords: Children and youth literature. Reading. Cultural Context.

personnages de l'œuvre. Comme résultats les plus pertinents, nous soulignons la nécessité d'amener les médiateurs de lecture à contribuer à la redécouverte non seulement de cette période historique, mais aussi de la figure du monarque D. João VI.

Mots-clés: Littérature pour les enfants et les jeunes. Lecture. Contexte culturel.

Ângela Balça

E-mail: apb@uevora.pt

Recebido em: 22/2/2012
Versão final recebida em: 20/12/2012
Aprovado em: 21/12/2012